

Os Métodos de Luta da Intelectualidade Burguesa Contra os Operários

**Vladimir Ilitch Lênine
1914**

Prosveschénie n° 6
Junho de 1914

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lênine
Edição em Português da Editorial Avante, 1984, t2, pp 138-166
Traduzido das O.Completas de VILênine 5ªEd. russo t.25, pp. 321-352

Em todos os países capitalistas de todo o mundo a burguesia utiliza dois métodos de luta contra o movimento operário e contra os partidos operários. O primeiro método é o da violência, das perseguições, das proibições, da repressão. Este método é na sua essência feudal, medieval. Por toda a parte - menos nos países avançados, mais nos países atrasados - há camadas e grupos da burguesia que preferem esses métodos, e em certos momentos particularmente críticos da luta dos operários contra a escravidão assalariada, esses métodos unem **toda** a burguesia. Exemplos de tais momentos históricos são-nos dados pelo cartismo¹ em Inglaterra, pelos anos de 1849 e 1871 em França.

O outro método de luta da burguesia contra o movimento operário consiste na divisão dos operários, na desorganização das suas fileiras, no suborno de certos representantes ou de certos grupos do proletariado com o objectivo de os atrair para o lado da burguesia. Os métodos deste tipo não são feudais mas **puramente** burgueses, modernos, correspondem aos sistemas desenvolvidos e civilizados do capitalismo, correspondem ao regime democrático.

Porque o regime democrático é um dos sistemas burgueses, o sistema burguês mais puro e mais perfeito, onde a par da máxima liberdade, amplitude e clareza da luta de classes se observa o máximo de astúcia, de subterfúgios, de artifícios, de pressão «ideológica» da burguesia sobre os escravos assalariados, com o objectivo de os afastar da luta contra a escravidão assalariada.

Na Rússia, correspondendo ao seu ilimitado atraso, predominam terrivelmente os métodos feudais de luta contra o movimento operário. Mas depois do ano de 1905 nota-se já um «progresso» muito grande na parte dos métodos liberais e democráticos destinados a enganar e corromper os operários. Entre os métodos liberais figura, por exemplo, o crescimento do nacionalismo, a intensificação dos esforços para renovar e vivificar a religião «para o povo» (tanto directamente como sob a forma indirecta do desenvolvimento da filosofia idealista, kantiana e machista), os «êxitos» das teorias burguesas da economia política (combinadas com a teoria do trabalho-valor ou substituindo-a), etc., etc.

Entre os métodos democráticos para enganar os operários e submetê-los à ideologia burguesa figuram os métodos liquidacionistas-populistas-democratas-constitucionalistas. É neles que queremos deter a atenção do leitor no presente artigo a propósito de alguns acontecimentos de actualidade **em torno** do movimento operário.

1. A ALIANÇA DOS LIQUIDACIONISTAS E DOS POPULISTAS CONTRA OS OPERÁRIOS

Diz-se que a história gosta da ironia, gosta de pregar partidas às pessoas. Esperamos uma coisa e sai-nos outra. Na história isso acontece continuamente com os homens, os grupos, as tendências que não compreenderam, não tomaram consciência de qual era a sua verdadeira natureza, isto é, de **quais as classes** pelas quais são atraídos na **realidade** (e não na sua imaginação). Saber se essa incompreensão é sincera ou hipócrita é uma questão que pode interessar o biógrafo de determinado indivíduo, mas para um político esta questão é em todo o caso secundária.

¹ **Cartismo:** primeiro movimento de massas da classe operária da história, que teve lugar na Inglaterra nos anos 30-40 do século XIX. Os participantes no movimento, tendo publicado uma Carta do Povo, lutaram pelas reivindicações nela apresentadas de sufrágio universal, abolição do censo das terras para os deputados ao parlamento, etc. Por todo o país decorreram durante uma série de anos comícios e manifestações nas quais participaram milhões de operários e artesãos. O parlamento inglês recusou-se a aceitar a Carta do Povo e rejeitou todas as petições dos cartistas. O governo desencadeou uma brutal repressão contra os cartistas e prendeu os seus dirigentes. O movimento foi esmagado, mas a influência do cartismo sobre o desenvolvimento posterior do movimento operário internacional foi muito grande.

O que é fundamental é como a história e a política **desmascaram** os grupinhos e tendências, revelando, sob a fraseologia «socialista» ou «marxista», a essência burguesa. Na época das revoluções democráticas burguesas, por toda a parte, em todo o mundo, dezenas de grupinhos e tendências julgaram-se e apresentaram-se como «socialistas» (veja-se, por exemplo, a lista de alguns deles no 3.º capítulo do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels). A história desmascarou-os rapidamente, nuns 10 ou 20 anos, ou menos ainda.

A Rússia vive precisamente uma época semelhante.

Decorreram mais de 10 anos desde que no nosso país começaram a separar-se do movimento operário os «economistas», e depois os seus sucessores, os «mencheviques», e depois os sucessores dos mencheviques, os «liquidacionistas».

Os mencheviques gritaram e tornaram a gritar com especial furor contra a «aproximação» dos bolcheviques com os populistas...

E eis que nos encontramos perante uma **aliança** agora já perfeitamente definida dos liquidacionistas e dos populistas contra a classe operária e contra os bolcheviques, que se mantiveram fiéis a esta classe.

A aliança da intelectualidade pequeno-burguesa, liquidacionista e populista, contra os operários cresceu e continua a crescer espontaneamente. A princípio foi a «prática» que impeliu para ela - não é sem razão que se diz que a prática anda à frente da teoria (principalmente para aqueles que se orientam por uma teoria falsa). Quando em Petersburgo os operários «demitiram das suas funções» os liquidacionistas, expulsando esses representantes da influência burguesa das direcções dos sindicatos e dos cargos de responsabilidade nas instituições de seguros, os liquidacionistas **viram-se** aliados aos populistas.

«Logo que», escreveu um populista sincero e ingénuo no n.º 5 do Stóikaia Misl², «entrámos nas instalações (para as eleições para o Conselho dos Seguros), imediatamente se tornou clara a posição estreitamente fraccionária dos pravdistas, mas nós não perdemos a esperança. Em conjunto com os liquidacionistas estabelecemos uma lista comum não fraccionária, na qual nos cabe um lugar entre os membros do Conselho e dois entre os suplentes» (ver Put Právdi n.º 38, de 16 de Março de 1914).

Pobres liquidacionistas, que grande partida a história lhes pregou! De que modo implacável os desmascarou o seu novo «amigo e aliado» populista de esquerda³!

Os liquidacionistas não tiveram sequer tempo para renegarem as suas próprias declarações e resoluções formais de 1903 e de outros anos, onde os populistas de esquerda eram qualificados de democratas burgueses.

A história varreu as frases, dissipou as ilusões, pôs a nu a essência de classe dos grupinhos. Tanto os populistas como os liquidacionistas são grupinhos da intelectualidade pequeno-burguesa afastados

2 **Stóikaia Misl (Pensamento Estóico):** um dos nomes do jornal legal dos socialistas-revolucionários *Jívaia Misl (Pensamento Vivo)*, publicado em Petersburgo em 1913-1914. O jornal mudou repetidas vezes de nome.

3 **«Populistas de Esquerda»:** socialistas-revolucionários (membros de um partido pequeno-burguês da Rússia de 1901 a 1923. Representavam os interesses da pequena burguesia. Os socialistas-revolucionários não viam as diferenças de classe entre o proletariado e o campesinato, obscureciam a diferenciação de classes e as contradições no seio do campesinato, negavam o papel dirigente do proletariado na revolução. A heterogeneidade de classe do campesinato determinava a instabilidade política e ideológica e a dispersão organizativa do partido dos socialistas-revolucionários, a sua constante oscilação entre a burguesia liberal e o proletariado. No período da reacção de 1907-1911 o partido dos socialistas-revolucionários sofreu uma completa desagregação ideológica e organizativa.

pelo movimento operário marxista e que pretendem insinuar-se nele por meio do engano.

Para enganarem utilizam a palavra «fraccionismo» - a mesma com que o famoso Akímov, chefe dos «economistas», lutou contra os iskristas no segundo congresso do partido em 1903⁴. Essa palavra de Akímov, a palavra de um oportunista extremo, é a única arma que resta aos liquidacionistas e populistas. A revistinha *Sovreménnik*⁵ surgiu à luz do dia como que de propósito para mostrar com maior clareza a todas as pessoas que sabem ler que essa arma está apodrecida, não vale nada, está enferrujada.

Esse *Sovreménnik* constitui um fenómeno sem precedentes no nosso mundo do jornalismo democrático. A par de nomes fortuitos de colaboradores (quantas pessoas no nosso país não são forçadas pela necessidade a procurar salário em jornais **alheios!**), vemos uma conjunção de nomes **claramente demonstrativa**, que tem de assinalar uma conjunção de tendências.

O liberal Bogutcharski, os populistas Sukhánov, Rakítnikov, B. Vóronov, V. Tchernov, etc., os liquidacionistas Dan, Márto, Trótski, Cher (Potréssov foi citado no n.º 66 da *Sévernaia Rabótchaia Gazeta*⁶ ao lado de Plekhánov mas desapareceu... não se sabe porquê), os machistas Bazárov e Lunatcháski e finalmente o principal herói da «unidade» (com minúscula e com maiúscula), G. V. Plekhánov - tais são os nomes **demonstrativos** que dão brilho à lista dos colaboradores do *Sovreménnik*. E em plena concordância com isso, o **fulcro** da orientação da revista é a propaganda (pelos populistas) da aliança entre os populistas e os «marxistas» (não se riam!).

Que o leitor ajuíze como é essa propaganda pelos artigos do chefe da revista, Sr. Sukhánov. Eis alguns «pensamentos» **substanciais** deste senhor:

«... Os antigos agrupamentos estão em todo o caso liquidados. Já não é possível determinar onde acaba o marxismo e começa o populismo. Tanto de um lado como do outro, há populismo e há marxismo. E tanto um lado como o outro nem é marxista nem é "populista". De resto, podia e pode ser de outro modo? Poderá um colectivista, no século XX, não pensar de modo marxista? E poderá um socialista na Rússia não ser populista?»

«... Sobre o actual programa agrário marxista deve dizer-se exactamente a mesma coisa que se disse da vez passada acerca do programa populista: é um programa marxista pelos métodos da sua fundamentação e populista pelas suas tarefas práticas. Ele invoca a "marcha histórica das coisas" e aspira a concretizar a palavra de ordem de terra e liberdade» (n.º 7, pp. 75-76).

Não será o bastante?

Este Sr. Sukhánov gaba-se publicamente de que Plekhánov está de acordo com ele. E Plekhánov cala-se!

4 **Iskristas**: partidários do *Iskra*, primeiro jornal ilegal marxista de toda a Rússia, fundado por Lénine em 1900 e que desempenhou um papel decisivo na formação do partido marxista revolucionário da classe operária na Rússia. O primeiro número do *Iskra* publicou-se em Leipzig, e os números seguintes em Munique, Londres e Genebra. Da redacção do *Iskra* faziam parte Lénine, Plekhánov, Márto, Axelrod, Potréssov, e Vera Zassúlitch. Lénine era na prática o redactor principal e o dirigente do *Iskra*. Por iniciativa de Lénine e com a sua participação directa, a redacção do *Iskra* elaborou um projecto de programa do partido e preparou o II Congresso do POSDR. Pouco depois do II Congresso do partido (1903), no qual ocorreu uma cisão do POSDR em ala revolucionária (bolcheviques) e oportunistas (mencheviques), o *Iskra* tornou-se o órgão dos mencheviques. Desde então, no partido passou-se a falar do velho *Iskra*, jornal leninista, bolchevique, e do novo *Iskra*, jornal menchevique, oportunista.

5 **Sovreménni (Contemporâneo)**: revista política e literária em torno da qual se agruparam mencheviques, liquidacionistas, socialistas-revolucionários, socialistas populares e liberais de esquerda. Publicou-se em Petersburgo de 1911 a 1915.

6 **Sévernaia Rabótchaia Gazeta (Jornal Operário do Norte)**: diário dos mencheviques liquidacionistas, publicou-se em Petersburgo em Janeiro-Maio de 1914

Mas veja-se os raciocínios do Sr. Sukhánov.

O novo aliado de Plekhánov e dos liquidacionistas «liquidou» a diferença entre o marxismo e o populismo com o argumento de que ambas as correntes encarnariam, pelas suas tarefas práticas, a palavra de ordem de terra e liberdade.

Isto é completa e literalmente uma argumentação de defesa da «**unidade**» entre os operários e a burguesia. Por exemplo, «pelas suas tarefas práticas» a classe operária e a burguesia liberal «aspiram a concretizar», pode dizer-se, a palavra de ordem de constituição. O inteligente Sr. Sukhánov deve concluir daí que foi «liquidado» o agrupamento em proletariado e burguesia, que «não é possível determinar onde acaba» a democracia proletária e onde começa a democracia burguesa.

Tomemos o texto do programa agrário marxista. Sukhánov comporta-se como todos os burgueses liberais, que se apoderam de uma palavra de ordem «prática» («constituição»!) e declaram que a diferença entre as concepções do mundo socialista e burguesa são uma «abstracção teórica»!! Mas nós permitimo-nos pensar que para o operário consciente, tal como para qualquer político consciente, não é desprovido de interesse o significado e o sentido das palavras de ordem práticas, não é desprovido de interesse saber que classe servem e como precisamente a servem essas palavras de ordem.

Abrimos o programa agrário marxista (mencionado pelo Sr. Sukhánov para o deturpar descaradamente) e imediatamente encontramos, a par de pontos práticos discutíveis entre os marxistas (por exemplo, a municipalização), pontos **indiscutíveis**:

«Com o objectivo de eliminar os vestígios da servidão que pesam como um fardo directamente sobre os camponeses, e no interesse do livre desenvolvimento da luta de classes no campo...» — assim começa o programa agrário marxista. Para o Sr. Sukhánov isto é uma irrelevante «teoria abstracta»! Que nós queiramos a constituição para o livre desenvolvimento da luta de classes entre o proletariado e a burguesia ou para a «conciliação social» entre os operários e os capitalistas, pois isso não é importante, isso é «teoria abstracta», asseveram todos os burgueses.

Os burgueses exprimem correctamente os seus interesses de classe ao tentar convencer disso os operários. O Sr. Sukhánov comporta-se inteiramente como um burguês ao **afastar** a questão de saber **para quê** precisamos de transformações agrárias: para o livre desenvolvimento da luta de classes entre o operário assalariado e os patrões grandes e pequenos, ou para a «conciliação social» entre eles por meio do palavreado burguês sobre a exploração agrícola «baseada no trabalho»?

Lemos um pouco mais adiante no programa agrário marxista: os marxistas «... opor-se-ão sempre e invariavelmente a todas as tentativas de entrar a marcha do desenvolvimento económico». É sabido que precisamente por isso os marxistas declaram que qualquer restrição, ainda que mínima, da liberdade de transacção (compra-venda, hipoteca, etc.) das terras camponesas é uma medida **reaccionária**, muito prejudicial para os operários e para todo o desenvolvimento social.

Os populistas, desde o «social-democrata-constitucionalista» Pechekhónov até aos populistas de esquerda do *Smélaia Misl*, são **por** uma ou outra limitação da liberdade de transacção. Os populistas são, relativamente a esta questão, **reaccionários** muito prejudiciais, dizem os marxistas.

O Sr. Sukhánov elude isto! Ele não quer recordar como Plekhánov chamou por isso aos populistas «socialistas-reaccionários». O Sr. Sukhánov esquiva-se à «teoria abstracta» fazendo referência à «prática», e esquiva-se à «prática» (a liberdade de transacção das terras dos camponeses) referindo-se em geral à palavra de ordem de «terra e liberdade».

A conclusão é clara: o Sr. Sukhánov não é mais que um burguês que **obscurece** a divergência de classes entre os operários e os patrões.

E é precisamente esse tipo de burgueses que o programa agrário marxista tem em vista quando diz: «... Em todos os casos e seja qual for a situação das transformações agrárias democráticas...» (note-se: em todos os casos e em qualquer situação, isto é, também no caso da municipalização, da divisão ou qualquer outra possibilidade)... os marxistas «colocam como sua tarefa visar constantemente a organização de classe independente do proletariado rural, explicar-lhe a oposição **irreconciliável** dos seus interesses aos interesses da burguesia camponesa, **preveni-lo contra a ilusão do sistema da pequena exploração**, a qual **nunca**, enquanto existir **a produção mercantil**, poderá liquidar a miséria das massas», etc.

Assim reza o programa agrário marxista. Assim reza precisamente o seu ponto tomado pelos mencheviques no congresso de Estocolmo⁷ **do projecto dos bolcheviques, isto é**, o ponto mais indiscutível, mais geralmente admitido entre os marxistas.

Assim reza o ponto mais essencial sobre a questão do populismo, que trata precisamente do «sistema da. **pequena exploração**».

E o Sr. Sukhánov passa esse ponto completamente em silêncio!!

O Sr. Sukhánov liquidou o «velho agrupamento» das tendências, a sua divisão em marxismo e populismo, **por meio do silenciamento** das palavras claras e precisas do «programa agrário marxista» **contra** o populismo!!

Não há dúvida possível: o Sr. Sukhánov é um oco palrador, como há muitos nos salões da nossa «sociedade» liberal, que não entende nada do marxismo e «liquida» de bom grado quaisquer agrupamentos socialistas em marxismo e populismo.

Mas de facto o marxismo e o populismo estão separados, tanto teórica como praticamente, por um abismo. A teoria de Marx é a teoria do desenvolvimento do capitalismo e da luta de classe dos operários assalariados contra os patrões. A teoria do populismo é o embelezamento burguês do capitalismo por meio do palavreado acerca da «exploração agrícola baseada no trabalho», é uma teoria de encobrimento, de obscurecimento e entrave da luta de classes por meio desse mesmo palavreado, por meio da defesa das restrições à transacção, etc.

Historicamente, a profundidade do abismo entre o marxismo e o populismo na Rússia foi revelada pela **prática**... não das palavras de ordem, naturalmente, pois só pessoas vazias podem tomar as «palavras de ordem» por «prática»... mas pela prática da **luta aberta de massas de milhões em 1905-1907**. Essa prática mostrou a fusão do marxismo com o movimento da classe operária e a fusão (ou princípio de fusão) do populismo com o movimento do campesinato pequeno-burguês (união camponesa⁸, eleições para a I e II Dumas de Estado, movimento camponês, etc.).

7 **Congresso de Estocolmo:** o IV Congresso (de Unificação) do POSDR realizou-se em 10 - 25 de Abril (23 Abril – 8 de Maio) de 1906. No Congresso teve lugar a unificação formal com os mencheviques, mas as divergências ideológicas e táticas mantiveram-se. A preponderância numérica dos mencheviques no Congresso determinou o carácter das suas decisões. Nomeadamente, acerca da questão agrária foi aprovada uma resolução oportunista sobre a municipalização da terra, que pretensamente resolveria a questão agrária sob o tsarismo.

8 **União Camponesa:** organização democrática revolucionária de massas na Rússia em 1905-1907, que contava cerca de 200000 membros. O programa da União Camponesa previa a nacionalização da terra, a reivindicação das liberdades políticas, a convocação de uma assembleia constituinte. Contudo, sob a influência dos socialistas-revolucionários e dos liberais, a União Camponesa manifestou uma indecisão pequeno-burguesa, vacilações e hesitações.

O populismo é a democracia burguesa na Rússia.

Isso foi demonstrado pela evolução, ao longo de meio século, dessa corrente e pela acção aberta de milhões de pessoas em 1905-1907. Isso foi reconhecido repetidamente da maneira mais categórica e oficial pelas instâncias superiores do «todo» marxista desde 1903 até 1907 e até à conferência de Verão de 1913⁹.

Se consideramos agora a aliança de pena dos **chefes** do populismo (Tchernov, Rakítnikov, Sukhánov) e de diversas fracções intelectuais sociais-democratas, que ou estão directamente contra a organização ilegal, isto é, contra o partido operário (os liquidacionistas¹⁰ Dan, Márto, Tcherevanine) ou ajudam esses mesmos liquidacionistas dos **grupinhos sem operários** (Trótski e Cher, Bazárov, Lunatchárski, Plekhánov), encontramos-nos **de facto** perante uma **aliança da intelectualidade burguesa contra os operários**.

A unidade dos operários na base do reconhecimento efectivo da organização ilegal e das decisões precisas que unificam e dirigem a táctica no velho espírito (decisões de Janeiro de 1912, Fevereiro e Verão de 1913¹¹), encontramos-la no pravdismo. É um facto que o pravdismo uniu na prática, de 1 de Janeiro de 1912 a 13 de Maio de 1914, 5674 grupos operários contra 1421 dos liquidacionistas e zero ou quase zero dos grupos dos vperiodistas, de Plekhánov, Trótski e Cher, etc. (ver o jornal *Rabótchi* n.º 1, «Da história da imprensa operária na Rússia», p. 19, e *Trudováia Pravda* n.º 2 de 30 de Maio de 1914)¹².

É um facto que essa unidade dos operários assenta na base sólida de decisões de princípio consequentes, integrais, completas, acerca de **todas** as questões da vida dos operários marxistas. Eis onde está o **todo**, pois 4/5 têm o direito mais incontestável de intervir, actuar e falar em nome do «todo».

Quanto à aliança na *Sovreménnik* dos líderes do populismo e de toda a espécie de grupinhos sociais-democratas sem operários (sem táctica precisa, sem decisões precisas, apenas com vacilações entre a corrente e o **todo** do pravdismo, por um lado, e os liquidacionistas, por outro), essa aliança estabeleceu-se **espontaneamente**. **Nem um** dos «grupinhos sociais-democratas sem operários» se decidiu directa, clara, abertamente - dado que a conferência de Verão de 1913 se pronunciou contra a aliança com os populistas - a afirmar-se **a favor** de semelhante aliança! Nem um dos grupinhos - nem os liquidacionistas, nem os vperiodistas, nem Plekhánov e C^a, nem Trótski e C^a! Todos eles se deixaram simplesmente levar pela corrente, arrastados pela sua opposição ao pravdismo, impelidos

9 Lénine refere-se à reunião do CC do POSDR com funcionários do partido em Outubro de 1913 na aldeia de Porónine, próximo de Cracóvia. Por razões conspirativas chamou-se-lhe conferência «de Verão». A reunião ratificou as principais palavras de ordem da revolução que amadurecia: república democrática, confiscação dos latifúndios, jornada de trabalho de oito horas. A reunião decidiu desenvolver imediatamente por toda a parte a agitação para preparar a greve política geral.

10 Com que cuidado o Sr. Vóronov defende os liquidacionistas na *Sovreménnik*!!

11 Em Janeiro de 1912 realizou-se em Viena a VI Conferência (de Praga) de Toda a Rússia do POSDR. (A Conferência tomou decisões liquidacionistas antipartido acerca de todas as questões da táctica eleitoral e pronunciou-se contra a existência do partido ilegal. Acerca da questão da táctica eleitoral a conferência considerou aceitável o apoio aos candidatos dos partidos burgueses que declarassem defender o sufrágio universal e a liberdade de coligação. A tentativa dos liquidacionistas de formar o seu partido centrista na Rússia não foi apoiada pelos operários. Os liquidacionistas não conseguiram eleger um CC e limitaram-se a formar um Comité de Organização. O bloco antibolchevique, constituído por elementos diversos, cuja formação foi a principal tarefa da Conferência, dissolveu-se de facto ao fim de um ano e meio). Em Fevereiro de 1913 realizou-se uma reunião do CC do POSDR com funcionários do partido (As decisões da reunião desempenharam um importante papel no reforço do partido e da sua unidade, no alargamento e na consolidação das ligações do partido com as amplas massas dos trabalhadores, na elaboração de novas formas de trabalho do partido nas condições do crescente ascenso do movimento operário). Sobre a reunião «de Verão» ver nota 9

12 **Rabótchi (O Operário)**, *Trudováia Pravda (A Verdade do Trabalho)*: nomes do jornal *Pravda* em 1914.

pelo desejo de quebrá-lo ou de enfraquecê-lo, procurando instintivamente uns nos outros ajuda **contra** 4/5 dos operários, os liquidacionistas em Sukhánov e Tchernov, Sukhánov e Tchernov em Plekhánov, Plekhánov nos precedentes, Trótski nos mesmos, etc. Nem política comum, nem tática minimamente definida, nem intervenção aberta perante os operários em defesa da aliança com os populistas - não há nada de semelhante em todos esses grupinhos.

Trata-se de uma aliança inteiramente sem princípios da intelectualidade burguesa contra os operários. Deploramos Plekhánov, por se encontrar em tão lamentável companhia, mas olhemos a verdade de frente. Chame quem quiser «unidade» à aliança desses grupinhos, nós chamamos-lhe **rompimento** com o todo operário, e os **factos** provam a justeza do nosso ponto de vista.

2.

COMO OS LIBERAIS

DEFENDEM A «UNIDADE» DOS OPERÁRIOS COM OS LIQUIDACIONISTAS

A vinda à Rússia do presidente do Bureau Socialista Internacional¹³, Emile Vandervelde, reanimou naturalmente o debate sobre a questão da unidade. Reunir informações sobre esta questão, sondar o terreno e fazer todas as diligências possíveis a favor da unidade era a tarefa imediata de E. Vandervelde. Sabe-se através dos jornais que ele visitou as redacções de ambos os jornais, o marxista e o liquidacionista, e trocou impressões com representantes de um e de outro num «banquete».

Logo que E. Vandervelde regressou da Rússia a casa, isto é, a Bruxelas, foi publicada nos dois principais órgãos diários do socialismo em língua francesa, o *L'Humanité (A Humanidade)*¹⁴ de Paris e o *Le Peuple (O Povo)*¹⁵ de Bruxelas, no domingo 21 de Junho, pelo novo calendário, uma entrevista com o presidente do Bureau Socialista Internacional. Vandervelde formulou nessa ocasião as divergências entre os sociais-democratas russos. Uns, disse, «querem organizar-se legalmente e exigem o direito de coligação, os outros querem conseguir imediatamente a proclamação de um... "pilar"... e a expropriação das terras». Vandervelde qualificou **esta** divergência de «bastante pueril».

Difícilmente nos enganaremos se supusermos que os operários conscientes da Rússia, ao lerem semelhante afirmação de Vandervelde, sorrirão com «bastante bonomia». Se «uns» «querem organizar-se legalmente», isto é, defendem um partido aberto, legal, então, evidentemente, os outros objectam **quanto a este ponto** não com a referência a «um pilar» ou a «pilares», mas com a defesa da organização ilegal e com uma recusa categórica a participar na «luta por um partido aberto». Semelhante divergência é uma discrepância quanto à questão da existência do partido e neste ponto, que não se ofenda o estimado camarada E. Vandervelde, nenhuma «conciliação» é possível. É impossível enterrar um bocadinho a organização ilegal e substituí-la um bocadinho por um partido legal...

Mas Vandervelde não procurou apenas informar-se acerca das divergências: sobre esta questão há na pasta do presidente e do secretário do Bureau Socialista Internacional uma grande quantidade de papéis, de relatórios e cartas de representantes de todas as «instâncias directivas» de toda a espécie,

13 **Bureau Socialista Internacional (BSI)**: órgão executivo e informativo permanente da II Internacional, criado em 1900. A actividade do BSI era dirigida pelos reformistas. O BSI deixou de existir com o início da Primeira Guerra Mundial.

14 **L'Humanité (A Humanidade)**: jornal diário, fundado em 1904 por Jean Jaurès como órgão do Partido Socialista Francês. Durante a guerra mundial imperialista, o jornal esteve nas mãos da ala direita extrema do Partido Socialista Francês, tomando uma posição social-chauvinista. Em 1918-1920 o jornal pronunciou-se contra a política imperialista do governo francês, que enviou forças armadas para lutar contra a república dos Sovietes. Desde Dezembro de 1920, depois da formação do Partido Comunista Francês, o jornal tornou-se seu órgão central.

15 **Le Peuple (O Povo)**: jornal diário, órgão central do Partido Operário Belga. Publica-se em Bruxelas desde 1884; actualmente é o diário do Partido Socialista Belga.

reais e fictícias. Vandervelde procurou aparentemente aproveitar a sua estada em Petersburgo para reunir alguns dados **factuais** sobre o grau de influência **de massas** das diferentes correntes e grupos do socialismo (e do «socialismo») da Rússia. Vandervelde é um homem com grande experiência política, e sabe evidentemente muito bem que em política de modo geral, e no movimento operário em particular, só se pode tomar a sério as tendências que têm uma extensão de massas.

Sobre esta questão encontramos nos dois jornais socialistas franceses atrás indicados esta informação de Vandervelde: «Os socialistas da Rússia têm três jornais diários. Os revolucionários» (trata-se claramente dos populistas de esquerda) «publicam jornais com uma tiragem de 10 000 a 12 000 exemplares; os leninistas de 35 000 a 40 000; os moderados» (*modérés*) (trata-se claramente dos liquidacionistas) «cerca de 16 000.»

E. Vandervelde cometeu aqui um pequeno erro: o jornal dos populistas de esquerda publica-se, como é sabido, não diariamente mas três vezes por semana. Além disso, a tiragem máxima do jornal pravdista, segundo as nossas informações, é subestimada: ela atingiu 48 000 exemplares. Teria sido desejável a recolha de dados precisos sobre esta questão importante (para o conhecimento do movimento operário sobre si) ao longo de um mês inteiro, por exemplo, se era impossível recolhê-los ao longo de um ano.

Mas como é grande a diferença entre o verdadeiro europeu Vandervelde, que não dá importância à «confiança na palavra» ou às «estimativas a olho» asiáticas, mas recolhe **factos**, e os tagarelas liquidacionistas e liberais burgueses russos, que se armam em «europeus»! No jornal *Retch* os representantes oficiais dos democratas-constitucionalistas escreveram, por exemplo, no artigo «E. Vandervelde e os socialistas russos» [n.º 152 de 7 (20) de Junho, precisamente na véspera da entrevista com Vandervelde em Paris e Bruxelas]:

«Quando, durante o almoço, um dos bolcheviques asseverou a Vandervelde que eles não tinham que unir-se com ninguém, dado que "nas oficinas, na classe operária, todos se uniram já apenas em torno da bandeira pravdista, fora da qual não resta mais que um punhado de intelectuais", permitiu-se evidentemente um excessivo exagero polémico.»

Aqui temos um exemplo da mentira liquidacionista e liberal, ataviada de frases polidas e alambicadas.

«Excessivo exagero polémico»! Como se houvesse exagero não excessivo... Mas os democratas-constitucionalistas oficiais não só escrevem incorrectamente como enganam abertamente os leitores.

Se os bolcheviques fizeram um «exagero polémico», por que é que vós, senhores democratas-constitucionalistas, uma vez que começastes a falar na imprensa dessa questão por vós levantada, não apresentais **dados** que não sejam exagerados, nos quais não haja polémica?

Vandervelde, que não sabe russo, soube, em 3 ou 4 dias de estada na Rússia, recolher dados **objectivos**. Mas os senhores democratas-constitucionalistas de Petersburgo, exactamente como os liquidacionistas de Petersburgo¹⁶, **nem uma única vez** apresentaram nos jornais quaisquer dados objectivos, acusando gratuita e hipocritamente os pravdistas de «exagero»!

16 O jornal liberal *Kievskaja Misl*, no qual escreve um grande número de liquidacionistas, reproduziu a entrevista de Vandervelde do *Le Peuple*, mas precisamente os números das tiragens ocultou-os!! (*Kievskaja Misl* n.º 1599.)

Kievskaja Misl (O Pensamento de Kiev): jornal diário de orientação democrática burguesa, publicou-se em Kiev de 1906 a 1918.

Tomemos os dados de Vandervelde. A tiragem semanal dos jornais marxista, liquidacionista e populista exprime-se, segundo esses dados, pelos números seguintes:

		%	%
Jornal Marxista	240 000	64,5	71,4
Jornal Liquidacionistas	96 000	25,8	28,6
Jornal Populista	36 000	9,7	
Total	372 000	100	100

Tais são os dados objectivos recolhidos pelo presidente do Bureau Socialista Internacional. Mesmo incluindo os populistas, com os quais **só** querem «unir-se» os liquidacionistas, os machistas e Plekhánov, que no entanto receiam dizê-lo abertamente, obteremos para os pravdistas uma maioria de quase 2/3. E se não considerarmos os populistas, então a maioria dos pravdistas em relação aos liquidacionistas será de 71,4%, isto é, **mais de sete décimos!**

Mas os jornais não são lidos e mantidos apenas pelos operários. Dados objectivos sobre as contribuições, publicados tanto no jornal marxista como no liquidacionista, mostraram (para o período de 1 de Janeiro a 13 de Maio de 1914) 80% dos grupos operários nos pravdistas, e em Petersburgo essa percentagem sobe para 86%. Dos 21 000 rublos recolhidos pelos pravdistas, mais de 8/10 foram recolhidos por operários, enquanto os liquidacionistas receberam **mais de metade dos seus fundos da burguesia**¹⁷. Está assim inteiramente provado e de forma irrefutável que os dados sobre a tiragem dos jornais **subestimam** o predomínio dos pravdistas, pois o jornal dos liquidacionistas é **mantido** pela burguesia. E dados não menos objectivos sobre as eleições para as instituições de seguros mostram que os pravdistas tiveram 47 delegados em 57 nas eleições para a instituição de seguros de toda a Rússia, ou seja, 83,4%.

Acusando publicamente os pravdistas, através da sua imprensa, de «exagero» (e mesmo de «exagero excessivo») sem apresentar quaisquer dados objectivos, nem sobre a tiragem dos jornais, nem sobre os grupos operários, nem sobre as eleições para as instituições de seguros, os democratas-constitucionalistas mentem sem vergonha, **enaltecendo os liquidacionistas**.

Naturalmente, os interesses de classe da burguesia liberal russa forçam-na a defender os liquidacionistas, que foram unanimemente reconhecidos pelos marxistas (decisão de 1910)¹⁸ como «**portadores da influência burguesa sobre o proletariado**». Mas se ainda por cima os liberais pretendem apresentar-se como homens «imparciais», então a sua mentira torna-se particularmente hipócrita e repugnante.

O significado político das afirmações dos democratas-constitucionalistas é um e só um: procurar, através dos liquidacionistas, fazer penetrar a influência burguesa entre os operários.

17 Ver o artigo «*A classe operária e a imprensa operária*», no *Trudováia Pravda* de 14 de Junho.

18 Em Janeiro de 1910 realizou-se em Paris um **Plenário do CC do POSDR** no qual estiveram presentes representantes de todas as fracções e grupos e das organizações sociais-democratas nacionais. A questão principal da ordem dos trabalhos era a situação dentro do Partido. Em oposição ao plano leninista de aproximação com os plekhanovistas para lutar contra os liquidacionistas, os conciliadores, trotskistas encobertos, exigiam a dissolução de todas as fracções e a união dos bolcheviques com os liquidacionistas e os trotskistas. Os elementos conciliadores estavam em superioridade numérica no plenário, o que lhes deu a possibilidade de fazer aprovar uma série de decisões antileninistas. Só depois da insistente exigência de Lênine é que o plenário condenou o liquidacionismo como manifestação da influência burguesa sobre o proletariado. O plenário colocou igualmente a questão da necessidade da criação de uma verdadeira unidade do partido.

«Não há dúvida», continua o *Retch*, «de que a verdadeira (!) intelectualidade operária, os operários que carregaram nos seus ombros o trabalho social-democrata» (!! segundo a apreciação dos democratas-constitucionalistas, peritos em social-democratismo) «nos anos mais difíceis, simpatizam não com os bolcheviques mas com os seus adversários (os liquidacionistas, os mencheviques). A separação desses elementos do partido operário russo significaria um empobrecimento intelectual tão grande dele que os próprios bolcheviques se assustariam com os resultados da sua obra.»

Assim escrevem os democratas-constitucionalistas num editorial do *Retch*.

E, para comparação, aqui está o que escreve o chefe ideológico dos liquidacionistas, Sr. L. M., no n.º 3 da *Nacha Zariá* (1914, p.68):

«Isto é uma revolta» (dos operários pravdistas) «contra os Dementiev, os Gvózdev, os Tchirkine, o Románov, os Búlkine, os Kabtsan, etc., como representantes de toda uma camada, bastante importante nas capitais, de operários marxistas que tentaram e tentam "liquidar" o estádio pueril-romântico do movimento operário russo.»

A identidade, como se vê, é completa. Os democratas-constitucionalistas retomam inteiramente em seu nome, nos editoriais do *Retch*, aquilo que o Sr. L. M. canta na *Nacha Zariá*. A insuficiência da tiragem da *Nacha Zariá* e do *Nacha Likvidatórskaja Gazeta*¹⁹ é **suprida** pelos jornais democratas-constitucionalistas, que respondem perante o público pelo social-democratismo dos Búlkine, dos Tchirkine e C^a.

O Sr. L. M. enumera os nomes de um punhado de operários liquidacionistas. De bom grado repetiremos esses nomes. Todos os operários conscientes da Rússia imediatamente reconhecerão os **operários liberais**, há muito conhecidos pela sua luta contra a organização ilegal, isto é, contra o partido. Leia-se Búlkine na mesma *Nacha Zariá* ao lado de L. M., e ver-se-á como ambos renegam a organização ilegal e, para satisfação dos liberais, a injuriam.

Tomaremos nota e ficaremos a saber que os «Dementiev, Gvózdev, Tchirkine, Románov, Búlkine, Kabtsan» referidos pelo Sr. L. M. são, **segundo asseveram os democratas-constitucionalistas**, «a verdadeira intelectualidade operária». Na realidade são verdadeiros operários liberais! Provou-o inteiramente o artigo de Búlkine. Recomendamo-lo vivamente à atenção dos operários conscientes que ainda não ouviram pessoalmente os discursos dos referidos proletários liberais.

O liberal *Retch* quer assustar-nos com a perspectiva da «separação do partido operário» desses (segundo assevera o *Retch*) sociais-democratas, desses sociais-democratas elogiados pelo *Retch*.

Mas nós apenas sorrimos em resposta, pois toda a gente sabe que o referido punhado se separou a si mesmo, juntando-se aos liberais-liquidacionistas e que essa «separação» foi a garantia e o fundamento da formação de um partido realmente **operário** (e não liberal-operário).

O *Retch* elogia, no mesmo editorial, a «**coragem cívica das palavras serenas, por vezes arrefecedoras**» dos liquidacionistas e dos operários liberais. Como não haviam o *Retch* e os liberais de os elogiar! Os liberais da Rússia não podem, sobretudo depois de 1905, influenciar directamente os operários. Como não haviam eles de apreciar os liquidacionistas que, sob uma máscara social-democrata, fazem o mesmo trabalho liberal «arrefecedor», exercem a mesma «influência burguesa sobre o proletariado» (ver a decisão de 1910!).

19 Lénine chamava ironicamente **Nacha Likvidatórskaja Gazeta (O Nosso Jornal Liquidacionista)** ao *Sévernaia Rabótchaia Gazeta (Jornal Operário do Norte)* diário dos mencheviques liquidacionistas, publicou-se em Petersburgo em Janeiro-Maio de 1914.

«*As divergências entre elas*» (as fracções sociais-democratas) «*não desaparecerão tão cedo*», escreve o *Retch*, «*mas mesmo mantendo a sua fisionomia elas devem unir-se e não introduzir as suas discórdias na massa operária, que acaba de despertar para a vida política consciente. A cisão entre os operários suscita uma grande alegria na reacção. Isso só por si é suficiente para persuadir os homens honestos de ambas as fracções a procurar sincera e seriamente a união.*»

Assim escreve o *Retch*.

Muito nos alegramos por **não** estarmos incluídos na confraria liberal dos homens «honestos» nem ao número daqueles que essa confraria considera «honestos». Consideraríamos **desonroso** para nós estar incluídos entre essas pessoas. Estamos convencidos de que só podem acreditar na «imparcialidade» dos burgueses liberais pessoas completamente ingénuas ou tolas, sobretudo quando se trata do movimento de libertação da classe operária, isto é, do seu movimento contra a burguesia.

Os democratas-constitucionalistas enganam-se ao pensar que os operários russos são ingénuos como crianças, que eles são capazes de acreditar na apreciação «imparcial» que a burguesia liberal faz da «honestidade». Os burgueses liberais consideram «honestos» os liquidacionistas e os seus defensores **porque e apenas porque** o liquidacionismo serve politicamente a burguesia, exercendo a influência burguesa sobre o proletariado.

Os marxistas unidos da Rússia declararam franca e abertamente perante todos os operários da Rússia, assumindo inteiramente a sua responsabilidade, que consideravam que um determinado grupo de liquidacionistas, o grupo da *Nacha Zariá* e do *Lutch*²⁰, etc., estavam **fora do partido**. Isso foi declarado em Janeiro de 1912. Desde então, em dois anos e meio, 5674 grupos operários contra 1421 dos liquidacionistas e todos os seus defensores, isto é, 4/5 dos operários conscientes da Rússia, juntaram-se ao «pravidismo», isto é, **aprovaram** a decisão de Janeiro. Os liquidacionistas comportaram-se na prática de tal modo que os operários se **afastaram** deles. A nossa decisão foi confirmada pela vida e pela experiência da imensa maioria dos operários.

Os liberais defendem a «unidade» (dos operários com os liquidacionistas) com objectivos **interesseiros de classe**. Só a separação dos liquidacionistas do partido operário permitiu a este partido sair **com honra** - nós compreendemos esta palavra de maneira diferente, senhores do *Retch!* - do período dos tempos difíceis. A separação dos liquidacionistas do partido operário não suscitou na reacção «alegria», mas **mágoa**, pois que os liquidacionistas impediam o reconhecimento das velhas formas, da velha «hierarquia», das velhas decisões, etc., mostrando-se eles próprios, ao longo de dois anos e meio, absolutamente incapazes de criar uma organização qualquer. O bloco «de Agosto» (de 1912) dos liquidacionistas e dos seus amigos desagregou-se.

Só **apesar** dos liquidacionistas, só **sem** eles e **contra** eles os operários conduziram e podiam conduzir essa brilhante campanha do movimento grevista, dos seguros, da criação de jornais, campanha que deu agora por toda a parte uma maioria de 4/5 aos adversários do liquidacionismo.

Por «cisão» os liberais entendem o afastamento das fileiras operárias dos adversários da organização ilegal, de um punhado de intelectuais liquidacionistas. Por «unidade» os liberais entendem a **manutenção da influência** dos liquidacionistas sobre os operários.

Nós vemos as coisas de modo diferente: nós chamamos «unidade» à coesão de 4/5 dos operários em torno da velha bandeira; chamamos afastamento à recusa do grupinho liquidacionista de reconhecer a vontade da maioria dos operários e de submeter-se a ela, à sabotagem por eles dessa vontade. Convencidos pela experiência de que o pravidismo reuniu em dois anos e meio 4/5 dos operários, consideramos necessário continuar, rumo a uma unidade ainda mais completa, de 4/5 para 9/10 e

20 **Lutch (O Raio)**: jornal diário legal dos mencheviques liquidacionistas, publicou-se em Petersburgo em 1912-1913

depois para 10/10 dos operários, **por este mesmo caminho**.

As duas opiniões opostas acerca dos liquidacionistas, a nossa opinião e a opinião dos liberais, decorrem das diferenças entre a situação e os pontos de vista do proletariado e da burguesia.

Como se explica a posição de Plekhánov? Ele rompeu tão resolutamente com os liquidacionistas em 1908 e aplicou tão firmemente durante um certo tempo na imprensa as decisões do partido contra os liquidacionistas, que alguns esperavam o fim das vacilações de Plekhánov. Presentemente, quando 4/5 dos operários se uniram em torno do pravdismo, Plekhánov começa de novo a vacilar. Nada senão as suas vacilações pessoais - doença de que ele começou a sofrer em 1903 - pode explicar a sua «posição», que no fundo coincide agora **inteiramente** com a posição do liberal *Retch*.

Tal como o *Retch*, Plekhánov chama agora «unidade» à garantia da influência dos liquidacionistas sobre os operários a despeito da vontade dos operários, a despeito das decisões do partido, a despeito da sabotagem dessas decisões pelos liquidacionistas. Plekhánov, que ontem comparava o Sr. Potrészov a Judas e considerava justamente que **sem** Judas os apóstolos eram mais fortes do que com Judas, hoje, quando os **factos** demonstraram definitivamente que os liquidacionistas estão inteiramente solidários com Potrészov e cospem nas decisões do partido, hoje Plekhánov vira para os liquidacionistas e aconselha os pravdistas a não lhes falar na «linguagem dos vencedores»!!! Isto é, falando de maneira mais directa e mais simples, a maioria dos operários **não** deve exigir o reconhecimento da sua vontade e o respeito das suas decisões por uma minoria que vai atrás daqueles que violam abertamente as decisões do partido!!!

Os operários conscientes reconhecerão com tristeza que Plekhánov foi de novo atacado pela doença política das hesitações e vacilações que teve início há dez anos - e passarão adiante.

Há aliás para as vacilações de Plekhánov uma outra explicação que nós colocamos em segundo lugar, pois ela é bastante pior para Plekhánov. Entre as **correntes** em luta - a liquidacionista (que vai buscar a sua força social à simpatia da burguesia liberal) e a «pravdista» (que vai buscar a sua força à consciência e à coesão da maioria dos operários da Rússia que despertam das trevas para a luz) - surgem inevitavelmente grupinhos intelectuais vacilantes. Não têm atrás de si uma força social, não podem ter uma influência de massas sobre os operários, politicamente são um zero. Em vez de uma linha firme e clara, que atraísse os operários e que fosse confirmada pela experiência da vida, reina nesses grupinhos uma **diplomacia de cenáculo**. A ausência de ligação com as massas, a ausência de raízes históricas nas tendências de massas da social-democracia da Rússia (a social-democracia adquiriu na Rússia um carácter de massas a partir das greves de 1895), a ausência de uma linha consequente, integral, clara, inteiramente definida e provada por uma experiência de muitos anos, isto é, a ausência de respostas às questões de tática, de organização, de programa - tal é o terreno no qual cresce a diplomacia de cenáculo, tais são os seus sintomas.

O jornal de Plekhánov, *Edinstvó*²¹, como colectivo político, apresenta todos esses sintomas (tal como a *Borbá*²² de Trótski: a propósito, que os leitores pensem nas **causas** da desunião desses pretensos «unificadores», a *Borbá* e o *Edinstvó*...). O deputado Buriánov, como qualquer deputado relativamente «durável» entre os políticos muito pouco duráveis da Rússia, foi liquidacionista durante muito tempo, e agora «vacilou» para Plekhánov. Ele próprio não sabe se essa vacilação é por muito tempo e precisamente em que sentido. Mas para a diplomacia de cenáculo, naturalmente,

21 **Edinstvó(Unidade)**: jornal legal; foi publicado em Petersburgo em Maio-Junho de 1914 por um grupo de mencheviques partidistas encabeçado por Plekhánov. Os plekhanovistas, mantendo-se em posições mencheviques, pronunciavam-se ao mesmo tempo pela conservação e pelo reforço da organização ilegal do partido e com esse objectivo formaram um bloco com os bolcheviques.

22 **Borbá (A Luta)**: revista de L. Trótski: publicou-se em Petersburgo em Fevereiro-Julho de 1914. Mascarando-se com o «não fraccionismo», Trótski lutou nas páginas da revista contra Lênine e contra o partido bolchevique.

não há coisa melhor que um deputado que «vacila» desta maneira, que sonha com a «unidade» entre o grupo dos seis que quer ajudar os liquidacionistas do partido a **sabotar** a vontade da maioria dos operários e o grupo dos seis que deseja seguir essa vontade²³.

Imagine-se a «unidade» desses dois grupos de seis **independentemente** da vontade da maioria dos operários. É uma ideia monstruosa, respondereis vós, pois os deputados devem cumprir a vontade da maioria! Mas precisamente àquilo que é monstruoso para o proletariado chamam os **liberais** virtude, bem, utilidade, honestidade, e até, provavelmente, santidade (Struve demonstrará sem dúvida amanhã no Rúskaia Misl, com a ajuda de Berdiáev, Izgoev, Merejkovski e C^a, que os «leninistas» são «cismáticos» pecadores e os liquidacionistas e o seu actual defensor contra os operários «vencedores», Plekhánov, são santos cumpridores da vontade de Deus).

Colocai-vos por um momento neste ponto de vista (liberal de facto) da «unidade» dos dois grupos de seis da Duma **independentemente** da maioria dos operários. Imediatamente compreenderéis, desse ponto de vista, o interesse de cenáculo de Buriánov e do grupinho de literatos do *Edinstvó* de **jogar** nas divergências de ambos os grupos de seis, de aproveitar as suas discordâncias para manter o eterno papel de... «conciliador»!

De um lado, pode dizer esse conciliador, Buriánov, Trótski, Plekhánov, Cher, Tchernov, Sukhánov, ou quem quer que seja, de um lado os seis liquidacionistas não têm razão porque liquidam as decisões do partido. Por outro lado, os seis pravdistas não têm razão porque falam aos seus colegas num «tom de vencedores» deslocado, inconveniente, culposo, em nome duma pretensa maioria. Pode mesmo ser que esse «conciliador» qualifique a sua atitude ecléctica e intriguista de «dialéctica» e pretenda o título de «unificador»... Isso já aconteceu no nosso partido: basta recordar o papel dos bundistas e de Tyszka nos congressos de Estocolmo e Londres²⁴ e de modo geral na época de 1906 a 1911!

Houve tempos assim felizes para os diplomatas de cenáculo, tempos assim tristes para o partido operário, em que a coesão dos operários conscientes contra os portadores da influência burguesa, os «economistas» e os «mencheviques» não era ainda suficientemente sólida.

Esses tempos estão agora a passar. O *Retch* dos senhores democratas-constitucionalistas **lamenta** a «introdução de discórdias na massa operária». Este é o ponto de vista do senhor liberal. Nós **saudamos** a «introdução de discórdias na massa operária», pois precisamente essa massa e só ela **distinguirá** as «discórdias» das discordâncias de fundo, orientar-se-á **ela própria** nas discordâncias, elaborará a **sua** opinião, decidirá a questão não de saber «com quem ir, mas para onde ir»²⁵, isto é, a questão da sua própria linha, definida, clara, pensada e comprovada por ela própria.

Essa época já começou. A massa dos operários pravdistas **já** distingue as «discórdias», ela já se orientou no meio das discordâncias, já definiu ela própria a sua linha. Os dados sobre os grupos operários **depois** de dois anos de luta aberta (1912 e 1913) provam-no **de facto**.

A diplomacia de cenáculo está a chegar ao fim²⁶.

23 A fracção social-democrata na IV Duma de Estado era constituída por deputados bolcheviques e mencheviques. No início dos trabalhos da Duma, a fracção social-democrata era comum, mas no interior da fracção os deputados bolcheviques travavam uma luta constante contra os mencheviques, que dificultavam o trabalho revolucionário dos bolcheviques

24 Ver Nota 7.

25 Como muito bem se exprimiram os operários de Moscovo (ver n.º 6 do *Rabótchi*, de 29 de Maio de 1914), pondo imediatamente a nu toda a falsidade do *Edinstvó* de Plekhánov.

26 A participação dos líderes de diversos grupos, dos liquidacionistas (Dan e Mártoev), de Plekhánov, de Trótski, de Lunatchárski, na aliança com os populistas (*Sovreménnik*) é também um exemplo de diplomacia de cenáculo, pois ninguém ousou dizer antecipadamente aos operários, de forma directa e clara: entro nessa aliança por tal e tal razão e com tal e tal intenção. Como fruto da diplomacia de cenáculo, o *Sovreménnik* é um empreendimento nado-morto.

3. POR QUE RAZÃO AS ORGANIZAÇÕES OPERÁRIAS ESTIGMATIZARAM PUBLICAMENTE OS LIQUIDACIONISTAS COMO CALUNIADORES?

No n.º 92 do *Put Právdí*, de 21 de Maio de 1914, foi publicada uma resolução dos **representantes de 10 sindicatos da cidade de Moscovo**. Essa resolução condena da maneira mais decidida e mais clara como um «crime», a saída desorganizadora de Malinovski²⁷, exprime em seguida a sua plena confiança na Fracção Operária Social-Democrata da Rússia na Duma de Estado («seguí firmemente o vosso caminho, a classe operária está convosco!») e, finalmente, estigmatiza publicamente os liquidacionistas do *Nacha Rabótchaia Gazeta*²⁸ como pessoas **«que lançam ao deputado demissionário uma suja calúnia»**; o comportamento dessa gente é colocado ao lado da «propagação pela imprensa de direita de boatos caluniosos com o fim de lançar a confusão nas fileiras dos operários».

«É um dever sagrado de todos aqueles a que é cara a causa operária», escrevem na sua resolução os representantes de 10 sindicatos de Moscovo, «unir-se e replicar unanimemente aos caluniadores.» «A classe operária, em resposta, cerrará ainda mais as suas fileiras em torno dos seus representantes» (isto é, a fracção operária social-democrata da Rússia) **«e ignorará com desprezo os caluniadores.»**

Não vale a pena apresentar as numerosas outras resoluções dos operários de conteúdo semelhante, a opinião do jornal operário *letão*²⁹, etc. Isso seria uma repetição.

Examinemos o que se passou.

Por que é que os operários conscientes da Rússia, através dos representantes de 10 sindicatos de Moscovo, e muitos outros condenaram publicamente os liquidacionistas do *Nacha Rabótchaia Gazeta* como torpes caluniadores e convidaram a classe operária a ignorá-los com desprezo?

O que fez o *Nacha Rabótchaia Gazeta*?

Ele difundiu boatos anónimos e alusões obscuras acerca de uma pretensa provocação de Malinovski.

Não foi citado o nome de nenhum acusador. Não foi apresentado nenhum facto preciso. Não foi apresentada nem uma prova claramente formulada, apoiada ao menos na indicação de pseudónimos, exemplos de delação, datas.

Apenas boatos obscuros, apenas empolamento da «falta de explicação» da saída da Duma. Mas foi precisamente pela falta de explicação da saída, por essa fuga secreta que os operários organizados, os membros do partido operário, condenaram duramente Malinovski.

Os operários marxistas organizados reuniram imediatamente todos os seus organismos dirigentes, locais, profissionais, da Duma, de toda a Rússia, e declararam abertamente, francamente, publicamente, ao proletariado e ao mundo inteiro: Malinovski não nos explicou a sua saída e não nos preveniu dela. Essa falta de explicação, essa indisciplina inaudita faz do seu acto um acto de

27 Trata-se da saída voluntária da IV Duma de R. Malinovski, membro da fracção social-democrata. Por actividade desorganizadora e por essa deserção do seu posto de combate, Malinovski foi expulso das fileiras do Partido.

28 **Nacha Rabótchaia Gazeta (O Nosso Jornal Operário)**: um dos nomes do *Sévernaia Rabótchaia Gazeta* liquidacionista (ver Nota 6)

29 «Consideramos inútil deter-nos nos boatos difundidos na imprensa e na simples calúnia contra Malinovski e contra toda a fracção e a sua orientação consequente, porque **eles são sempre lançados com objectivos desonestos e revelam-se sempre falsos**» (*Trudováia Pravda* n.º 1, 23 de Maio de 1914).

desertor, e nós estamos a travar uma guerra de classe séria, dura, responsável. Nós julgámos o desertor, condenamo-lo e condenámo-lo impiedosamente. E ponto final. O caso está arrumado.

«Um homem não é nada. A classe é tudo. Defendei firmemente as posições que tomastes. Nós estamos convosco» (telegrama de quarenta empregados comerciais de Moscovo à Fracção Operária Social-Democrata da Rússia. Ver n.º 86 do Put Právdi, de 14 de Maio de 1914).

O caso está arrumado. Os operários organizados levaram **organizadamente** o caso até ao fim e cerraram fileiras para continuar o trabalho. Avante, ao trabalho!

Mas os círculos intelectuais têm uma atitude diferente. A «falta de explicação» provoca neles não uma atitude organizada relativamente à questão (**nem um único** organismo dirigente dos liquidacionistas ou dos seus amigos apresentou uma clara e aberta **apreciação completa sobre o fundo da questão!!!**) mas um interesse **mexeriqueiro**. Ah-ah, «falta de explicação»? - as comadres da sociedade intelectual estão intrigadas.

Os caluniadores não têm quaisquer factos. As comadres do círculo de MártoV são **incapazes de uma acção organizada**: convocar tal ou tal colectivo, reunir informações com interesse ou significado político, verificar, analisar, reflectir em conjunto, tomar uma decisão formal, responsável, que dê uma indicação ao proletariado. As comadres são incapazes disso.

Em contrapartida, tagarelar e bisbilhotar, ir ter com MártoV (ou com torpes caluniadores semelhantes a ele) ou vir de junto de MártoV e excitar boatos obscuros, apanhar e transmitir alusões - nisso as comadres intelectuais são mestres acabados! Quem viu, ao menos uma vez na vida, esse meio de comadres bisbilhoteiras intelectuais, manterá certamente (se não for ele próprio uma comadre) por toda a vida repulsa por esses seres abjectos.

A cada qual o que é seu. Cada camada social tem a sua «maneira de viver», os seus hábitos, as suas inclinações. Cada insecto tem a sua arma de luta: alguns insectos lutam segregando um líquido infecto.

Os operários marxistas organizados actuaram organizadamente. Organizadamente arrumaram o caso da saída indisciplinada do seu antigo colega e organizadamente prosseguiram o trabalho e prosseguiram a luta. As comadres intelectuais dos liquidacionistas não podiam ir e não foram mais longe que os seus torpes mexericos e calúnias.

Os operários marxistas organizados reconheceram logo pelos primeiros artigos do *Nacha Rabótchaia Gazeta* essas comadres e imediatamente os julgaram muito correctamente: «torpe calúnia», «afastar-se com desprezo». Nem uma sombra de crédito nos «boatos» de MártoV e Dan, firme decisão de não lhes dar atenção, de não lhes atribuir importância.

A propósito. Nas resoluções dos operários, indignados com os liquidacionistas, falava-se dos liquidacionistas em geral. Em minha opinião, seria muito mais correcto falar dos Srs. MártoV e Dan, como se fez no telegrama de Lénine³⁰ e em alguns artigos e resoluções. Não temos razão para condenar e estigmatizar publicamente **todos** os liquidacionistas em geral por calúnia torpe, mas precisamente MártoV e Dan, ao longo de 10 anos, a começar pela sua tentativa de frustrar a vontade do segundo congresso do partido (1903), demonstraram repetidamente a sua «maneira» de lutar por meio de insinuações e da calúnia torpe. Foi em vão que esses dois sujeitos se ocultaram atrás da afirmação de que alguém denunciava os verdadeiros redactores do *Nóvaia Rabótchaia Gazeta*. Em parte nenhuma se disse uma palavra nem sobre os redactores nem sobre os verdadeiros redactores.

30 O telegrama de Lénine exigindo a MártoV e a Dan que apresentassem a acusação aberta e assinada em vez de propagarem boatos obscuros, foi publicado no jornal *Rabótchi*, nº 4, de 25 de Maio de 1914.

Mas esses caluniadores, que o partido operário conhece de 10 anos da sua história, deviam ser e foram chamados pelo nome.

Os caluniadores tentaram desorientar as pessoas inexperientes ou totalmente incapazes de pensar com a exigência «plausível» de um julgamento «não oficial»; nós, dizem, não sabemos nada de inteiramente definido, não acusamos ninguém, os boatos são «insuficientes» para a acusação, eles só são suficientes para a «investigação»!

Mas é precisamente aqui que se encontra todo o «corpo de delito», falando juridicamente, da calúnia torpe, no facto de pessoas difundirem na imprensa boatos obscuros, anónimos, sem estarem em condições de apresentar uma única garantia de um único cidadão honrado, de um único organismo democrático sério e responsável quanto à seriedade desses boatos!

Nisso está o cerne da questão.

Mártov e Dan são caluniadores há muito conhecidos e repetidamente desmascarados. Dezenas de vezes se falou disso na imprensa estrangeira. Quando Mártov escreveu, com a participação e a responsabilidade de Dan, a brochura particularmente caluniadora *Salvadores ou Demolidores*, até o delicado e prudente Kautsky, ultimamente muito inclinado a «concessões» aos liquidacionistas, lhe chamou «repugnante».

Isto é um facto. Sobre ele se falou há já muito tempo na imprensa estrangeira.

E depois disso Mártov e Dan querem que, por **sua** iniciativa, na sequência da **sua** intervenção caluniadora, consentíssemos em abrir uma investigação **com a participação** dos grupinhos que encobrem Mártov e Dan!!!

Isto é o cúmulo da desfaçatez por parte dos caluniadores e o cúmulo da inépcia.

Nós **não acreditamos** numa única palavra de Mártov e Dan. **Nunca aceitaremos** quaisquer «investigações» sobre os boatos obscuros **com a participação** dos liquidacionistas e dos grupinhos que os ajudam. Porque isso significaria **encobrir** o crime de Mártov e Dan, e nós denunciá-lo-emos até ao fim perante a classe operária.

Quando Mártov e Dan mais os seus encobridores, os bundistas, Tchkeídze e C^a, os «agostistas»³¹, etc., nos chamam directa ou indirectamente para uma «investigação» em conjunto com eles, nós respondemos-lhes: nós não confiamos em Mártov nem em Dan. Não os consideramos cidadãos honrados. Tratá-los-emos como vis caluniadores, só assim e não de outro modo.

Que os encobridores de Dan e Mártov ou os intelectuais de nervos frágeis que acreditam nos «boatos» desses senhores soltem ais e uis ao pensar no tribunal burguês. Isso não nos assusta. Contra os chantagistas nós somos **sempre e sem reservas** pela legalidade burguesa do tribunal burguês.

Quando um indivíduo diz: dê-me 100 rublos, senão eu revelarei que você engana a sua mulher e vive com NN, isso é uma chantagem de direito comum. Neste caso somos pelo tribunal burguês.

Quando um indivíduo diz: façam-me concessões políticas, considerem-me como um camarada com igualdade de direitos do todo marxista, senão eu espalharei boatos acerca da provocação de Malinowski, isso é chantagem política.

31 Referência à chamada conferência de Agosto (de 1912) dos liquidacionistas. (ver Nota 11) (N. Ed.)

Neste caso nós somos pelo tribunal burguês.

E os operários adoptaram **eles próprios** precisamente esse ponto de vista quando, na base logo dos primeiros artigos de Dan e MártoV, não tiveram uma atitude de confiança neles, não se interrogaram: esses «boatos» não serão afinal verídicos, uma vez que MártoV e Dan escrevem acerca deles? Não, os operários compreenderam **imediatamente** a essência da questão e proclamaram: «a classe operária afastar-se-á da torpe calúnia».

Ou fazeis uma acusação directa com a vossa assinatura a fim de que o tribunal burguês possa desmascarar-vos e condenar-vos (não existem outros meios de luta contra a chantagem) ou ficais com o ferrete de pessoas a quem os representantes de 10 sindicatos operários chamaram caluniadores. Escolhei, Srs. MártoV e Dan!

O organismo dirigente investigou os boatos e declarou-os absurdos. Os operários da Rússia acreditam nesse organismo, e ele desmascarará **até ao fim** os propagadores da calúnia. Que MártoV não pense que **ele** não será desmascarado.

Mas os grupinhos políticos que defendem os liquidacionistas ou que simpatizam com eles, mesmo que parcialmente, não acreditam no nosso organismo dirigente? Claro que não! Nós não precisamos da confiança deles, não daremos o **menor** passo que revele sequer sombra de confiança neles.

Nós dizemos: senhores membros dos grupinhos que **confiam** em MártoV e Dan, que querem «unir-se» com eles, todos vós, agostistas, trotskistas, vperiodistas, bundistas, etc., etc., fazei o favor, intervinde, mostrai-vos! Das duas uma, meus senhores:

Se quereis vós próprios «unir-vos» com MártoV e Dan e chamais os operários a fazê-lo, isso quer dizer que tendes (o que a nós nos falta) uma confiança elementar neles, chefes notórios da tendência ideológico-política dos liquidacionistas. E uma vez que tendes essa confiança, uma vez que admitis, reconheceis e preconizais a possibilidade de «união» com eles, passai aos **actos**, não vos limiteis às **palavras!**

Ou exigis de Dan e MártoV (vós confiais neles, eles confiam em vós) a indicação da fonte dos «boatos», examinais vós próprios essas fontes e declarais publicamente à classe operária: nós garantimos que se não trata de tolos mexericos de comadres, nem de insinuações maldosas de liquidacionistas exasperados, mas de provas **sólidas e sérias**. Se o tivésseis feito e se se tivesse provado que desde o próprio surgimento dos boatos os organismos dirigentes liquidacionistas, plekhanovistas, etc., depois de os confirmarem, os tinham comunicado imediatamente ao organismo dirigente pravdista, nós teríamos respondido: estamos convencidos de que estais enganados, senhores, e provar-vos-emos o vosso erro, mas reconhecemos que agistes como democratas honestos.

Ou vos ocultais, senhores chefes de «tendências» e grupinhos que chamam operários a unirem-se com os liquidacionistas, ocultais-vos atrás de Dan e MártoV, deixais-os caluniar à vontade, sem exigir deles a indicação das fontes, sem assumirdes o incómodo (**e a responsabilidade política**) de verificar a seriedade dos boatos.

Então nós declararemos abertamente aos operários: camaradas, não vedes que todos esses chefes de grupinhos são **participantes** e **cúmplices** de calúnias torpes?

Veremos como os operários decidirão.

Para esclarecer a questão tomemos um caso concreto. Quando o organismo dirigente reconhecido por 4/5 dos operários conscientes da Rússia declarou que havia investigado os boatos e estava absolutamente convencido de que eles eram completamente absurdos (se não pior), **dois** grupos intervieram na imprensa: 1) o grupo de Tchkeídze, Tchkhenkeli, Skóbelev, Khaustov, Tuliakov, Mankov e Jagiello; 2) os «agostistas», isto é, o organismo dirigente de Agosto dos liquidacionistas.

Que disseram eles? **Apenas que não tinham participado** na investigação sobre os boatos conduzida pelo organismo dirigente dos pravdistas!! Apenas isso!

Examinemos este caso.

Imaginemos, em primeiro lugar, que em vez do grupo de Tchkeídze e C^a temos perante nós democratas honestos. Estes homens elegeram Malinovski como vice-presidente da **sua** fracção na Duma. E de súbito é difundido na imprensa, no órgão pelo qual eles são politicamente responsáveis, o boato de que Malinovski seria um provocador!

Poderá haver duas opiniões sobre qual é em semelhante caso o dever mais elementar, mais evidente, de quaisquer democratas honestos?

Constituir imediatamente um grupo com pessoas do seu meio ou de qualquer outro, investigar imediatamente donde vêm os rumores, quem e quando os difundiu, verificar a **honestidade** e a seriedade desses boatos e declarar pública, franca e honestamente à classe operária: camaradas, nós trabalhamos, nós **investigamos**, nós garantimo-vos que se trata de um caso grave.

Assim actuariam democratas honestos. Calar-se, não investigar, continuar a assumir a responsabilidade por um órgão de imprensa que difunde boatos obscuros, é o cúmulo da infâmia e da baixeza, indignas de cidadãos honestos.

Imaginemos, em segundo lugar, que em vez de Tchkeídze e C^a estávamos perante cúmplices e encobridores de uma torpe calúnia que, **ou ouviram eles próprios** os boatos obscuros de MártoV ou dos seus amigos mas nunca pensaram sequer em toma-los a sério (pois quem é que, das pessoas que estão relacionadas com o trabalho social-democrata, não ouviu dezenas de vezes «boatos» idiotas, manifestamente absurdos, aos quais seria ridículo prestar atenção?), ou não ouviram nada mas, conhecendo bem a «maneira» de Dan e MártoV, preferem «manter-se afastados de uma questão difícil e delicada»³², receando sujar-se e comprometer-se e para toda a vida ao exprimir abertamente a sua confiança na seriedade dos boatos difundidos na imprensa por MártoV e Dan, desejando ao mesmo tempo encobrir **secretamente** MártoV e Dan.

Semelhantes pessoas, correspondentes a esta nossa segunda suposição **comportar-se-iam precisamente da maneira como se comportaram Tchkeídze e C^a**.

O que acabamos de dizer aplica-se inteiramente aos «agostistas».

Que os operários escolham eles próprios uma destas duas suposições, que eles próprios examinem e julguem o comportamento de Tchkeídze e C^a.

Examinemos ainda o comportamento de Plekhánov. No n.º 2 do Edinstvó ele qualifica os artigos dos liquidacionistas acerca de Malinovski de «revoltantes» e «repugnantes», acrescentando ao mesmo tempo uma clara censura aos pravdistas: eis os frutos da **vossa** cisão, «quem corta a cabeça não chora o cabelo perdido!».

32 Lénine cita com algumas alterações a poesia *Um Homem dos Anos Quarenta*, de N. Nékrrásov

Qual é o sentido deste comportamento de Plekhánov?

Se ele, apesar da declaração expressa de Dan e MártoV de que consideram os boatos sérios e honestos (pois de outro modo não exigiriam uma investigação), se Plekhánov, apesar disso, declara que os artigos dos liquidacionistas são revoltantes e repugnantes, isso quer dizer que ele não tem a mínima confiança em Dan e MártoV!! Isso quer dizer que ele os considera **também** como torpes caluniadores!!

Pois de outro modo por que razão, com que fundamento razoável, declarar publicamente que são «repugnantes» os artigos de pessoas que desejam (segundo dizem) ser úteis à democracia e ao proletariado, denunciando um mal grave e temível, uma provocação??

Mas se Plekhánov não acredita numa única palavra de MártoV e Dan, se os considera torpes caluniadores, então como pode ele culpar-nos a **nós**, pravdistas, dos métodos de luta utilizados pelos liquidacionistas expulsos do partido? **Como** pode ele escrever: «quem corta a cabeça não chora o cabelo perdido»? Porque isso significa que com a «cisão» ele **justifica** Dan e MártoV!!

É monstruoso, mas é um facto.

Plekhánov **justifica** os torpes caluniadores aos quais ele próprio não dá o mínimo crédito, afirmando que os pravdistas são culpados por tê-los expulso do partido.

Este comportamento de Plekhánov é uma defesa «diplomática» (como publicamente lhe disse já um «grupo de marxistas» que estava disposto a acreditar em Plekhánov mas que em breve se desiludiu) - defesa diplomática, isto é, suscitada pela diplomacia de cenáculo dos chantagistas, objectivamente equivalente a estimular os chantagistas a continuarem as suas proezas.

Se nós - devem raciocinar MártoV e Dan - conseguimos imediatamente que o «antiliquidacionista» Plekhánov, que não acredita em nós, **acusasse** os pravdistas embora indirectamente, embora parcialmente, de com a «cisão» nos terem levado a uma luta tão desesperada - isso quer dizer... isso quer dizer, segue em frente! continua no mesmo espírito! Plekhánov **dá-nos esperanças de alcançarmos concessões** como recompensa pela nossa chantagem!!³³

A diplomacia de cenáculo de Plekhánov imediatamente se desmascarou perante os operários. Isso foi demonstrado pela opinião dos moscovitas sobre o n.º 1 do *Edinstvo* e pela resposta do «grupo de marxistas» que estavam dispostos a acreditar em Plekhánov, que chamaram a Plekhánov «diplomata»³⁴. A diplomacia de cenáculo de Plekhánov desmascarar-se-á rapidamente até ao fim.

33 O leitor pode encontrar em Trótski uma defesa da chantagem muito semelhante à que faz Plekhánov, mas duma forma ainda mais cobarde e dissimulada. No n.º 6 da *Borbá*, ele, **colaborador** do *Nacha Rabótchaia Gazeta*, não teve uma palavra de reprovação para a «campanha» de Dan e MártoV, mas acusa os pravdistas de haverem lançado «as sementes envenenadas do ódio e da cisão» (p. 44)!! Temos pois que não é na calúnia, de modo nenhum, mas na aplicação da decisão do partido sobre os portadores da influência burguesa e os difamadores da organização ilegal que devemos ver o «veneno». Assim escrevemos.

34 A propósito dos ataques caluniosos do jornal liquidacionista *Nacha Rabótchaia Gazeta* contra os bolcheviques, um grupo de marxistas dirigiu-se a G. Plekhánov pedindo-lhe que fosse seu representante no Bureau Socialista Internacional quanto à acusação ao jornal de ter um comportamento inadmissível. Plekhánov, indignado com o comportamento do jornal liquidador, recusou-se no entanto a intervir no BSI, justificando desse modo os caluniadores. Então um «grupo de marxistas» publicou em 5 (18) de Junho de 1914 no jornal *Trudováia Pravda* uma declaração na qual caracterizava o comportamento de Plekhánov como «um passo altamente diplomático»

Os representantes dos operários expulsaram aberta e formalmente do partido em Janeiro de 1912 um determinado grupo de liquidacionistas, com Márto e Dan à frente. Desde então, em dois anos e meio, os operários da Rússia, por uma maioria de 4/5, aprovaram e reconheceram como sua essa decisão. A chantagem e a calúnia de Márto e Dan não incitarão os operários a «concessões» mas a uma convicção ainda mais firme de que só **sem** os liquidacionistas e **contra** eles é possível edificar um «todo» marxista operário, já constituído em 4/5.

Toda a gente fala presentemente do crescimento da consciência política dos operários russos, da passagem dos assuntos do partido operário total e exclusivamente para as suas mãos, da enorme elevação da sua maturidade e da sua independência depois da revolução. Tanto Trótski como Plekhánov invocam os operários contra os «círculos intelectuais» ou o «fraccionismo dos intelectuais». Mas - coisa curiosa! - assim que se fala de dados **objectivos** sobre qual a tendência política que os operários conscientes **de hoje** da Rússia escolhem, aprovam e criam, tanto Plekhánov como Trótski e os liquidacionistas mudam de frente e gritam: esses operários, os operários pravdistas, que constituem a maioria dos operários conscientes da Rússia, eles só por «confusão» (*Borbá* n.º 1, p. 6) seguem o pravdismo, eles apenas **cedem** à «demagogia» ou ao fraccionismo, etc., etc.

Quer dizer que os liquidacionistas, Plekhánov e Trótski reconhecem a vontade da maioria dos operários conscientes **não** no presente, mas no futuro, precisamente e apenas num futuro em que os operários estejam de acordo com eles, com os liquidacionistas, com Plekhánov, com Trótski!!

Curioso subjectivismo! Curioso temor dos dados objectivos! Mas se não se quer simplesmente passar o tempo a lançar reciprocamente a acusação de espírito de círculo intelectual, é preciso tomar precisamente os dados **actuais** e precisamente os dados **objectivos**.

Os nossos conciliadores³⁵, Plekhánov, Trótski e C^a, raciocinam novamente com um curioso subjectivismo acerca da educação política dos operários, que avança, como é geralmente reconhecido. Plekhánov e Trótski **vacilam** entre as duas correntes em luta no movimento de classe social-democrata, e atribuem as suas vacilações subjectivas aos operários, dizendo: a participação dos operários na luta das correntes é falta de consciência dos operários, mas quando eles forem mais conscientes, deixarão de lutar, não serão «fraccionistas» (Plekhánov, tal como Trótski, repete «como antigamente») a palavra repisada «fraccionismo», embora desde Janeiro de 1912, isto é, desde há dois anos e meio, os pravdistas tenham posto fim ao «fraccionismo» expulsando clara e abertamente os liquidacionistas).

O subjectivismo de semelhante apreciação das coisas por Plekhánov e Trótski salta à vista. Tomemos a história - não é crime para um marxista tomar a história do movimento! -, ela mostra uma luta de **quase vinte anos** contra as correntes burguesas do «economismo» (1895-1902), do menchevismo (1903-1908) e do liquidacionismo (1908-1914). A ligação indissolúvel e a continuidade dessas três variedades da «influência burguesa sobre o proletariado» não oferecem qualquer dúvida. Que os operários avançados da Rússia participaram de cada vez nessa luta e se colocaram ao lado dos «iskristas» contra os «economistas», ao lado dos bolcheviques contra os mencheviques (admissão do **próprio** Levítski, forçada pela massa dos factos objectivos), finalmente ao lado do «pravdismo» contra o liquidacionismo - é um facto histórico.

Pergunta-se: esse facto histórico, que se refere ao movimento social-democrata de **massas** dos operários, não nos dirá algo mais sério do que os desejos subjectivos de Plekhánov e Trótski, que

35 **Conciliadores:** partidários de Trotski quanto às questões da estrutura organizativa do partido; apoiavam a sua reivindicação de convocação do plenário do CC do partido, que deveria, em sua opinião, decidir da questão da «reconciliação das fracções», isto é, no fundo, destruir o partido.

desde há já dez anos consideram um mérito seu o facto de não conseguirem de maneira nenhuma estar em consonância com a tendência social-democrata de massas dos operários?

Os factos objectivos da época actual, tomados das duas fontes, a dos liquidacionistas e a dos pravdistas, bem como uma história de 20 anos, tudo isso demonstra com evidência que é **precisamente** na luta contra o liquidacionismo e na vitória sobre ele que se manifesta a educação política dos operários russos e a formação de um **verdadeiro** partido operário, que **não** cede perante as influências pequeno-burguesas num país pequeno-burguês.

Plekhánov e Trótski, propondo aos operários os seus desejos subjectivos (que não têm em conta nem a história nem as tendências de massas no interior da social-democracia) de que evitem a luta, encaram a questão da educação política dos operários de um ponto de vista próprio de caderno de caligrafia. Até aqui havia história - como espirituosamente disse Marx contra Proudhon - mas agora já não há³⁶! Até agora, durante 20 anos, a educação política dos operários não progrediu senão na luta contra a corrente burguesa do «economismo» e contra as manifestações posteriores de uma tendência semelhante - mas agora, depois de um par de verdades próprias de caderno de caligrafia proferidas por Plekhánov e Trótski sobre a nocividade da luta, a história suspenderá o seu curso, desaparecerão as raízes de massas (que o são devido ao apoio da burguesia) do liquidacionismo, desaparecerá o «pravdismo» de massas (que se tornou de massas exclusivamente devido à «confusão» dos operários!) e instaurar-se-á algo de «autêntico»... Plekhánov e Trótski raciocinam de modo curioso!

A verdadeira educação política dos operários não pode progredir senão numa luta constante, consequente, levada até ao fim, das influências, aspirações, tendências proletárias contra as burguesas. E que o liquidacionismo (tal como o «economismo» dos anos 1895-1902) é uma manifestação da influência burguesa sobre o proletariado, **mesmo** Trótski não ousa contestá-lo, e o **próprio** Plekhánov defendeu num passado muito, muito distante, há bem um ano e meio ou dois anos e meio, a decisão do partido que estabelecia essa verdade.

Mas as influências burguesas sobre os operários nunca e em parte nenhuma do mundo consistiram apenas em influências ideológicas. Quando a influência ideológica da burguesia sobre os operários decaí, é abalada, enfraquece, a burguesia recorreu e recorrerá, **em toda a parte e sempre**, à mentira e à calúnia mais descarada. Márto e Dan, precisamente quando sabotavam a vontade da maioria dos marxistas organizados, precisamente quando lhes faltavam as armas da luta ideológica, lançaram constantemente mão da arma das insinuações e da calúnia.

Só que até agora faziam-no no meio dos exilados, perante círculos relativamente restritos de «ouvintes», e muitas coisas ficavam impunes. Agora pronunciaram-se perante dezenas de milhares de operários russos e imediatamente falharam. O «número» dos mexericos e das calúnias dos exilados fracassou. Os operários têm já um nível de consciência política tão elevado que perceberam imediatamente a falta de sinceridade, a desonestidade das intervenções de Márto e Dan pelo **carácter** destas intervenções e estigmatizaram-nos abertamente como caluniadores perante toda a Rússia.

Os operários avançados da Rússia deram mais um passo em frente no caminho da sua educação política, **arrancando** das mãos de um grupo burguês (o dos liquidacionistas) a arma da calúnia.

Nem a aliança burguesa dos chefes liquidacionistas, de Plekhánov e de Trótski com os populistas, nem os esforços da imprensa liberal de declarar como tarefa dos homens «honestos» a união dos operários com os liquidacionistas do partido operário, nem a campanha de calúnias de Márto e Dan deterão o crescimento e o desenvolvimento da unidade proletária em torno das ideias, do programa, da táctica e da organização do «pravdismo».

36 Karl Marx, *Miséria da Filosofia*.